
Jornalismo e Contemporaneidade: Processos Comunicacionais Atuais e *Fake News*

1

Amanda Lais Pereira NOLÊTO²
Samantha Viana Castelo Branco Rocha CARVALHO³
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

O presente trabalho propõe pensar o Jornalismo na contemporaneidade a partir das *Fake News*, entendidas como importante fenômeno comunicacional existente na atualidade. O artigo pretende promover uma reflexão teórica acerca do processo de (re)configuração da comunicação na sociedade, levando em conta a contemporaneidade, noções de verdade, Globalização e *Fake News*. Para tal, utilizando-se de Pesquisa Bibliográfica, foi elaborado com base, principalmente, nas ideias de Guillermo Altares (2018), Vitorino e Renault (2018) e Kakutani (2018). Ao final, o que se percebe é a necessidade, cada vez mais urgente, de aprofundamento das discussões sobre o ato de comunicar-se, sendo fundamental considerar as *Fake News* como uma prática influenciadora dentro deste “novo” processo informacional.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Contemporaneidade; Comunicação; Atualidade; *Fake News*.

INTRODUÇÃO

Para pensar o Jornalismo dentro da contemporaneidade tendo como ponto de partida as *Fake News*, enquanto fenômeno comunicacional de alcance mundial e com consequências nos mais diversos panoramas, desde o econômico, social, político, passando ainda pelas transformações tecnológicas, globalização, mercados, Internet, sociedade e comunicação em rede, entre outros, é preciso entender como todos estes fenômenos encontram-se perfeitamente conectados, de modo que todos são afetados e interferem, minuto após minuto, na (re) construção de todo o processo informativo.

É importante compreender também elementos que estão intimamente ligados as *Fake News* como verdade e pós-verdade, fato, acontecimentos e interesse público.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (PPGCOM/UFPI), e-mail: amandalaispnoletto@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí (PPGCOM/UFPI), e-mail: samanthacastelo@gmail.com

Definições que colaboram com a contextualização deste acontecimento no cenário atual e contribuem com o entendimento das transformações tecnológicas e de mercado que afetam o processo de reordenação do jornalismo na sociedade.

Para Rubim (2000), é um grande desafio pensar a o ato de comunicar-se na atualidade devido à rigorosa necessidade de compreensão do lugar que ocupa no contexto atual, a partir, especialmente, do ambiente midiático tão característico do mundo contemporâneo. Tal entendimento tem levado a uma série de estudos e reflexões por parte dos mais diversos autores e estudiosos, haja vista, tamanha importância na vigente sociabilidade e sua conexão com os diversos fenômenos do Jornalismo manifestos na contemporaneidade. Muitas são as expressões que correspondem à sociedade midiática, com raízes na pós-verdade e Internet, entre elas pode-se destacar: “Aldeia Global” (McLuhan, 1974), “Era da Informação” ou “Sociedade Rede” (Castells, 19992), “Sociedade Informática” (Schaff, 1991) e “Sociedade da Informação” (Lyon, 1988), dentre outros. Tais títulos são propostos para qualificar o contemporâneo que envolve articulações entre a atualidade, a orientação econômica e política mundial, a situação presente do capitalismo e dos mercados, a cinesia entre modernidade e pós-modernidade, o ambiente comunicacional e etc.

Apesar desta diversidade de concepções teóricas e ideológicas, um dado comum aparece como fundamental para a investigação e para este novo enquadramento dos estudos: a compreensão da contemporaneidade como uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, como uma verdadeira “Idade Mídia”, em suas profundas ressonâncias sobre a sociabilidade contemporânea em seus diversos campos (RUBIM, 2000, p. 26).

Destarte tem-se, sucintamente, uma pré-contextualização do fenômeno *Fake News* que incorpora, entre outros, a Internet – e todas as suas minúcias, a sociedade em rede, práticas pseudojornalísticas pautadas na desinformação, a deslegitimação das instituições públicas, desordens entre fatos; acontecimentos e inverdades, interesse público, a dimensão econômica das organizações jornalísticas, novos modelos comercializáveis de produção de notícias, nova estruturação do capitalismo, coletas de dados, culturas das redes, Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC’s) e notícias falsas. Rubim (2000) assegura, ademais, que se vive hoje uma terceira fase do capitalismo e que agora “a informação se transforma na mercadoria mais valiosa” (p. 28).

Partindo deste panorama, o presente trabalho pretende levantar uma reflexão teórica acerca da relação existente entre os atuais fenômenos jornalísticos, a

contemporaneidade, a era da informação e a eclosão das *Fake News*, a partir de pesquisas bibliográficas. A contextualização acima, sobre tais conceitos/termos que perpassam as particularidades desta sociedade midiática, é primordial porque oferece meios para a compreensão do processo comunicacional que, cotidianamente, sofre transformações e que, por conseguinte, altera os processos de configuração do jornalismo na sociedade contemporânea.

A escolha desta temática justifica-se inicialmente pela premência de debates tendo como viés um olhar aprofundado no processo informativo. O estímulo às reflexões desta natureza favorece a atualização constante dos estudos dentro do campo, alicerçado em um movimento crítico, que consequentemente, permitirá condições sociais de produção do discurso científico. Além disto, contribui para que se entendam as transformações e mudanças sociais e políticas que surgem com o avanço dos fenômenos jornalísticos, em particular neste artigo, a partir da emergência das *Fake News*.

Justifica-se ainda pelo fato de que, cada vez mais, as *fake news* são produzidas e divulgadas em escala industrial e não há preocupação com a distinção entre fato x ficção e verdadeiro x falso. É preciso compreender esta sociedade que traz à tona o apego a sentimentos de nacionalismo, estranhamento ao diferente, o declínio da verdade, a valorização do populismo e fundamentalismo, com a criação de perfis falsos na internet, priorizando o medo e à raiva ao invés do debate sensato e que, entre outras consequências, evidencia a fragilidade das instituições e comunicações digitais, sendo elementar, em vista disto, propor investigações aprofundadas sobre este tema. Sobre tal sociedade:

Terrível panorama cultural e político em que vivemos hoje – um mundo no qual as *fake news* e as mentiras são divulgadas em escala industrial por “fabricas” de *trolls* russos, lançadas num fluxo ininterrupto pela boca e pelo Twitter do presidente dos Estados Unidos, e espalhadas pelo mundo todo na velocidade da luz por perfis em redes sociais. O nacionalismo, o tribalismo, a sensação de estranhamento, o medo de mudanças sociais e o ódio aos estrangeiros estão novamente em ascensão à medida que as pessoas, trancadas nos seus grupos partidários e protegidas pelo filtro de suas bolhas, vêm perdendo a noção de realidade compartilhada e a habilidade de se comunicar com as diversas linhas sociais e sectárias (KAKUTANI, 2018, p. 9–10).

O objetivo geral deste artigo é projetar discussões teóricas, através de pesquisa bibliográfica, acerca do Jornalismo na atualidade, considerando os fenômenos comunicacionais correntes, resultantes das transformações peculiares da Era da Informação e Globalização, com foco nas *Fake News*. Inicialmente trará um levantamento

teórico sobre verdade e pós-verdade, partindo deste horizonte para o debate conceitual sobre o declínio da verdade e a supressão da veracidade diante das notícias falsas, sendo estas reflexões fundamentais para a percepção do jornalismo atual e o entendimento das transformações – realidades – presentes na sociedade contemporânea. Posteriormente irá propor uma reflexão acerca do conceito (ou conceitos) de *Fake News*, apresentando algumas particularidades do fenômeno, com o propósito de refletir sobre as causas, consequências e impactos na sociedade. Por fim pretende apontar, nas considerações finais, algumas principais interseções entre os conceitos expostos, bem como observações e perspectivas quanto às *fake news* dentro do decurso comunicacional presente na sociedade.

1.1 Sociedade contemporânea, Pós-verdade e o Enfraquecimento da Razão

Para o dicionário em inglês, da editora Collins, *Fake News* foi considerada a “palavra do ano” em 2017. Para o *Dictionary.com*, dicionário online, “*misinformation*”, traduzido como “desinformação” ou informação incorreta, foi a palavra de 2018. Ambas fazem referência ao surgimento e propagação descontrolada de má informação que alterou (altera) todo o curso jornalístico, especialmente desde 2017, e lançou novos desafios a sociedade atual. É perceptível que o avanço das tecnologias/mídias mudou a maneira como as informações (notícias) são compartilhadas e para entender esse compartilhamento e o *modus operandi* destes sujeitos, é importante problematizar o conceito de *fake news* (má informação) e criar maneiras de identificar e combater, ao máximo, seu impacto nas transformações e mudanças sociais.

Antes de conceitualizar, é preciso apreender algumas singularidades presentes na contemporaneidade que influenciam diretamente na irrupção deste fenômeno. É necessário, ainda, identificar alguns conceitos/termos básicos que permeiam esta sociedade a fim de ter um alcance maior dos novos processos comunicacionais e então refletir sobre as causas, consequências e as transformações que virão com as *fake news*.

O Manual da Credibilidade Jornalística, desenvolvido pelo Projeto Credibilidade, iniciado no Brasil em 2016, faz um apanhado das principais causas da crise de credibilidade tão característica desta atualidade. Os motivos são: a fragmentação noticiosa, as chamadas “notícias-falsas”, a polarização política, viés de confirmação, os filtros bolhas e redes sociais, apuração enviesada de informação e outras deficiências no

fazer jornalístico. Tais causas são alguns dos agentes transformadores da conjectura atual que tem ligação direta com o atual jornalismo, a democracia, o cercar da liberdade na produção e circulação de ideias, o exercício pleno da cidadania, a criação de inverdades como arma política, *fakes* com finalidade lucrativa (má informação vendida como produto), a polarização política, desordem da informação, o conflito de interesse e a manipulação do interesse público.

Segundo o manual, os principais conceitos básicos, necessário para começar a compreender o todo, são: verdade, mentira, fato e pós-verdade. A verdade é entendida como o real, aquilo que tem conformidade com o real, tem exatidão com a realidade, com a verdade do ocorrido, quer dizer, é a coisa verdadeira ou certa, tendo semelhança ainda com a franqueza e sinceridade. A mentira, que vem de *mentida*, faz referência ao ato de mentir, dissimular, está ligado a engano, impostura, fraude e falsidade. É o hábito de mentir. Engano dos sentidos ou do espírito: erro, ilusão, as mentiras do mundo. Ideia, opinião, doutrina ou juízo falso. Fato, do latim *factu*, é coisa ou ação feita, tomada do acontecimento; aquilo que realmente existe, aquilo que é real.

Dentro da natureza jurídica, pode ser conhecido também como fato jurídico que é o acontecimento de que decorrem efeitos jurídicos, independente do arbítrio humano. Pós-verdade diz respeito a situações onde os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que atrai a emoção e a crença pessoal. O manual destaca, inclusive, que o dicionário Oxford elegera, em 2016, a expressão pós-verdade como sendo a palavra do ano fazendo referência à descrença, descredibilidade e a falta de preceitos de informação objetiva na sociedade da contemporaneidade. Entender tais conceitos é relevante para adentrar o universo da crise que assola a atualidade e principalmente, contribuir com as reflexões perante os novos processos de produções jornalísticas existentes que priorizam a escolha do que acreditar ou em quem acreditar, ou seja, uma “verdade particular”, o que coopera massivamente com o surgimento e divulgação, em ritmo industrial, das *fake news*.

O que há de novo no mundo hoje é que podemos escolher sobre que realidade queremos acreditar [...] Sempre que você escolhe, você decide a favor de acreditar numa realidade – o que significa desacreditar em outras. Seja lá o que você vier a escolher, você está decidindo por forma uma verdade particularizada. Esta é a essência do novo meio (MANJOO apud PIMENTA e BELDA, 2016).

A autora Kakutani é categórica ao afirmar que “faz décadas que a objetividade está fora de moda” (2018, p. 16). Para ela, até mesmo a ideia de que as pessoas desejam conhecer a “melhor verdade disponível” está ultrapassada. Não querer conhecê-la está no cerne da era da pós-verdade, marcada pelo ataque à verdade, que traz também as expressões *fake news* e “fatos alternativos”, além da promoção da ciência falsa, com a propagação do movimento antivacina ou a negação das mudanças climáticas, a história falsa, que promove a negação de episódios históricos como o Holocausto, os perfis falsos norte-americanos, no Facebook, criados por *trolls* russos e os “likes” falsos gerados por *bots*.

Apesar da explosão de perfis falsos, principalmente nos EUA, e entre outros feitos, a eleição de Donald Trump, conhecido pela quantidade de mentiras que reproduz, segundo o *The Washington Post* ele fez 2.140 alegações falsas no seu primeiro ano de governo, este movimento não está restrito apenas àquele país. Com efeito, tal dinâmica tem atingido o mundo todo, deteriorando as instituições democráticas e substituindo os dizeres especializados (especialistas) por opiniões pessoais. Em apresentação no XIV Simpósio de Comunicação da Região Tocantina (SIMCOM)⁴, a pesquisadora Kátia Lerner (Fiocruz) afirmou que o Jornalismo, especialmente em tempos de pandemia – contexto presente – voltou à cena como importante elemento aliado a Ciência, onde os profissionais tentam realocar o que é fato e o que é ‘fake’. Segundo ela, palestrante no painel ‘Jornalismo e Ciência em tempos de negacionismo’, o Jornalismo reafirma seu lugar com verdadeiro comprometimento e fortalece não apenas uma gestão privada da saúde, mas todo um sistema comunitário e de cidadania do país, com o Jornalismo como mediador dos ‘eventos do mundo’ e na busca acirrada por seu espaço.

Esse cenário vem sendo exponencialmente acelerado pelas redes sociais, que conectam usuários que pensam da mesma forma e os abastecem com notícias personalizadas que reforçam suas ideias preconcebidas, permitindo que eles vivam em bolhas, ambientes cada vez mais fechados e sem comunicação com o exterior (KAKUTANI, 2018, p. 17).

O ápice nos Estados Unidos do ataque à verdade (razão) está, conforme a citada autora, no primeiro ano de mandato do presidente Trump. Após ser indicado, as ideias extremistas do então candidato à presidência, bem como a de seus apoiadores, chegam ao grande público e colocam em evidência o apoio e a promoção do ódio, desprezo e ataque

⁴ <https://www.even3.com.br/simcom2020/>

ao governo anterior, a aceitação de teorias da conspiração pautadas na ciência e na história falsa, intolerância à raças e religiões e por fim, a aquiescência de notícias falsas.

A decadência do discurso lógico; ponderado; racional, cerceado pela não checagem dos fatos e o descrédito nas instituições e nas explicações oficiais, vem acontecendo desde a década de 1960, porém, foi a com popularização da informação, mediante a expansão da Internet em grande e avassaladora intensidade, que a desinformação e o relativismo acometeram os processos comunicativos, as experiências e vivências sociais, a cultura e etc., e contribuíram verdadeiramente com o enfraquecimento da razão e com a proliferação das notícias falsas. Sobre isto:

Um elemento fundamental para o colapso das narrativas oficiais na academia foi a constelação de ideias que se enquadram no amplo cenário do Pós-modernismo, que chegou às universidades americanas na segunda metade do século XX [...] Na literatura, no cinema, na arquitetura, música e pintura, os conceitos pós-modernistas (destruindo tradições de narração de histórias e rompendo fronteiras entre os gêneros, e entre cultura popular e a alta cultura) se revelariam emancipadores e, em alguns casos, transformadores, dando origem a uma gama de trabalhos inovadores [...] Quando aplicadas às ciências sociais e à história, no entanto, as teorias pós-modernas acabaram dando origem a todo tipo de implicações filosóficas, tanto intencionais quanto não intencionais, que, mais tarde, teriam repercussões em nossa cultura (KAKUTANI, 2018, p. 55).

Com base no exposto, supõe-se que a perspectiva que fundamenta a sociedade contemporânea se encontra pautada na pós-modernidade com todas as suas minúcias. Isto quer dizer que, no geral, há um encorajamento à negação da realidade objetiva. Os pós-modernos acreditam que o conhecimento – as reflexões; construções teóricas; o discurso – deve ser discernido do ponto de vista da classe, raça, religião, gênero, idade, grau de escolaridade e outros quesitos, deste modo, legitimam a subjetividade em detrimento da realidade objetiva. Destarte, creem que a linguagem é instável, portanto, não confiável.

Vale destacar que, consoante à autora referenciada, o hiato entre o que é dito – pronunciado – e o que é entendido está basicamente na desconfiança à linguagem, ao que é pronunciado, graças à crença na inconstância dos discursos, tão presente no pós-modernismo. À vista disto, a certeza de que as pessoas agem com racionalidade e lógica, é rejeitada e substituída por crenças pautadas na especificidade de cada indivíduo, quer dizer, cada sujeito é formatado, seja consciente ou inconsciente, por circunstâncias específicas. “Abaixo a ideia de consenso. Abaixo a visão da história como narrativa

linear. Abaixo as grandes metanarrativas universais ou transcendentess” KAKUTANI, 2018, p. 56).

A partir deste cenário, os pós-modernistas avançam com suas convicções para todos os campos sociais e então, tudo passa a ser revisto. Os argumentos, construções, valores e dizeres dos especialistas, cientistas, por exemplo, competem em grau de igualdade com todos os outros por aceitação, não dispendo mais de nenhum eixo irrefutável de realidade, ou seja, os discursos não possuem mais uma consistência inatacável ou uma objetividade inquestionável, absolutamente tudo é passível de indagação e incerteza. Os princípios pós-modernos deslocam-se com maestria nos mais diversos setores, na política, economia, história, cultura e etc. Na ciência, por exemplo, as teorias científicas são contestadas partindo do entendimento que foram construídas baseadas na identidade ou convicções daqueles que a formularam, por isso mesmo, a ciência passa a ser atacada e não pode mais alegar neutralidade ou verdades universais, ainda que esteja ordenada em fatos científicos calculados. É fundado nesta concepção que surgem, conseqüentemente, aqueles que se recusam a acreditar no que a ciência já provou outrora, como os apoiadores dos movimentos antivacina e os negacionistas do aquecimento global. As conseqüências são verdadeiramente incalculáveis, em particular, ao considerar-se a velocidade com que se instiga o descrédito da razão e o alcance mundial de tal realidade, isto é, as deliberações e crenças se expandem mundo a fora e crises abatem todas as nações e governos, dando lugar a desavenças, intolerâncias, medos, terror e conflitos.

Em abril de 2017, a Marcha pela Ciência, organizada em Washington para protestar contra as políticas anti-ciência do governo Trump, acabou se transformando em mais de quatrocentas marchas em mais de 35 países, com manifestantes fazendo passeatas em solidariedade aos seus colegas nos Estados Unidos, e também por estarem preocupados com a situação da ciência e da razão nos seus próprios países. **Decisões tomadas pelo governo norte-americano a respeito das mudanças climáticas e outros problemas globais, no fim das contas, acabam tendo um efeito dominó sobre o mundo inteiro – afetando parceiras e pesquisas colaborativas, bem como os esforços para encontrar soluções internacionais para as crises que afetam o planeta.** Os cientistas britânicos estavam preocupados com a maneira como o Brexit poderia afetar as universidades e instituições de pesquisa no Reino Unido, e as possibilidades para que estudantes britânicos fizessem intercâmbios pela Europa. Cientistas em países como Austrália, Alemanha e México estavam preocupados com o crescimento de atitudes de desvalorização da ciência, das evidências e da revisão por pares. E médicos na América Latina e na África estavam preocupados

porque *fake news* sobre a zika e o ebola estavam disseminando o medo (KAKUTANI, 2018, p. 43–44, grifo nosso).

O argumento dos pós-modernistas de que não há objetividade ou realidade incontestável, e de que a verdade é parcial, portanto, depende da essência de cada indivíduo, levou a firmeza de que existem diversas formas de entender e descrever um fato, assim sendo, encorajou-se a defesa de teorias contrárias a fatos já pré-estabelecidos na idealização de que todos os lados tem valor e merecem destaque, ainda que não tenha sequer a ciência ou a história, por exemplo, ao seu lado. Tal quadro teórico, apresentando alguns principais traços desta sociedade atual, com raízes firmes na pós-verdade e promulgando o enfraquecimento da razão, subsidia referências para começar a refletir sobre o conceito (ou conceitos) de *Fake News* e suas características, causas, consequências e impactos na sociedade.

1.2 *Fake news*: conceitos, particularidades e principais repercussões nos tempos atuais

Histórias fabricadas, fofocas, boatos e notícias falsas não são novidades da contemporaneidade. O que caracteriza os tempos atuais é o surgimento, mas principalmente, a circulação das *fake news*, em escala industrial, através das redes sociais. Para Guillermo Altares (2018), porém, a utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais.

Segundo o referido jornalista, desde a antiguidade, verdade e mentira se misturam porque a “mentira política é uma arte tão velha quanto à civilização”, o que acontece é que fatos, sejam eles verdadeiros ou não, influenciam diretamente a percepção e a opinião pública. No período de guerras, por exemplo, a verdade é sempre a primeira a padecer. O autor cita um ensaio de Marc Bloch, de 1921, para ilustrar a preocupação, já no século passado, com a criação e divulgação de notícias falsas referentes às guerras. Bloch sucinta, em “*Réflexions d’Un Historien Sur les Fausses Nouvelles de la Guerr*”, uma reflexão sobre a importância que as notícias falsas tiveram durante a Primeira Guerra Mundial. Para ele, as mesmas mobilizaram as massas e encontraram no seio da sociedade, um local seguro para serem propagadas, mediante homens que expressavam preconceitos e ódios. A respeito disto, Altares conclui que as notícias falsas são criadas; distribuídas; consumidas, e precisam de uma sociedade que queira acreditar fielmente nelas.

Altares (2018) referencia à professora Claude Gauvard dois exemplos precisos de campanhas que foram criadas para desinformar a população e causar atritos e ódio: a caça às bruxas e as calúnias contra judeus, apontados por ele como autênticas campanhas de desinformação com resultados catastróficos. O autor é inapelável ao afirmar que para a criação e propagação de notícias falsas na história da humanidade, com os mais vários exemplos, inclusive, alguns citados aqui como as injúrias contra judeus, não foi necessário contar, à época, com as redes sociais. As mentiras foram construídas “do zero”, com tamanha solidez, que a realidade foi concebida de forma incontestável, ainda que fosse falsa. Com tal introdução, adentra-se afinal no universo das *fake news* para buscar conceituá-las e posteriormente refletir sobre causas, consequências e seu “futuro” dentro dos processos comunicacionais.

A priori não existe um consenso na definição do fenômeno. Em “*Fake News nas redes sociais online: propagação e relações à desinformação em busca de cliques*”, os autores, Caroline Delmazo e Jonas Valente (2018), apresentam um apanhado de definições. Citados por eles, Nyhan e Reifler (2018) estabelecem como “um novo tipo de desinformação política marcada por uma dubiedade factual com finalidade lucrativa”. Allcott e Gentzkow (2017) definem como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores”. Aymanns, Foerster e Georg (2017) “diferenciam *fake news* claramente identificáveis como sátiras daquelas cuja ausência de base factual não é óbvia e levanta incerteza sobre a veracidade de seu conteúdo”. Burshtein (2017) caracteriza como “um relato fictício relativo aos eventos atuais que são fabricados e muitas vezes intitulados de forma enganosa, com o propósito deliberado de enganar os usuários e motivá-los a divulgar” e Tandoc, Lim e Ling (2017) as relacionam com a sátira de notícias, paródias de notícias, notícias fabricadas, manipulação fotográfica, publicidade e relações públicas.

É notório, mesmo diante de tanto dissentimento, que algumas palavras estão presentes em todos os conceitos expostos. Sentenças como desinformação, enganar, incerteza, veracidade, relato fictício, eventos fabricados, enganar usuários e outros, caracterizam a ambiência que envolve as *fake news*. Tal fenômeno está intrinsecamente relacionado com a escrita, publicação e disseminação de informações falsas com o propósito de influenciar a opinião pública, inclusivamente, com motivos econômicos e com finalidade de gerar receita.

É sabido que as notícias falsas necessitam de uma sociedade que as queira, pelo teor já exposto neste artigo, mas não é apenas o interesse público ou fins comerciais que justificam o celeiro de irrupção das *fake*. Delmazo e Valente (2018) asseguram que “as *fake news* se assentam, também, na crise de confiança dos leitores nos veículos tradicionais”. Quanto a isso, o Manual da Credibilidade (2016) traz dados alarmantes, sobre o Brasil, que indicam a desconfiança nas mídias entre os intervalos de 2016-2017 e 2017-2018. No primeiro intervalo, o percentual de confiança na mídia era de 30% e oscilou até 55%, no entanto, para o segundo período, o gráfico traz um declínio de 35% para 0%, ou seja, em um lapso de três anos houve uma queda total na confiança das pessoas na mídia.

Vitorino e Renault (2018) atestam que atualmente o uso da expressão *fake news* e a própria eclosão do fenômeno, tem se tornando cada vez mais presente no cotidiano social, de modo que há uma naturalização do termo, ainda que exista tanta divergência quanto ao conceito. Para eles, tem “se tornado cada vez mais naturalizado no nosso cotidiano, compondo regimes de verdade sobre a expressão” (p. 40). Tais regimes de verdade se constituem através de formações discursivas que são estabelecidas na força e poder de instituições dos mais diversos contextos como a imprensa, os poderes executivo, judiciário e legislativo, organizações não governamentais (ONGs), empresas jornalísticas, universidades, grupos de pesquisa, no campo artístico, religioso, econômico, social, entre tantas, que utilizam o termo, no dia-a-dia, nas mais diferentes conjunturas.

Os citados pesquisadores trazem alguns exemplos do uso da expressão *fake news* bem como um panorama do fenômeno no Brasil. Na economia, com consequência em outros setores da sociedade, por exemplo, aconteceu, em maio de 2018, a crise dos caminhoneiros com o bloqueio das rodovias na maioria dos estados. Observou-se o surgimento e a disseminação de muitas *fakes* que estavam em constante batalha com informações reais sobre os acontecimentos. Na esfera da Saúde, constatou-se que, desde 2016, as taxas de imunização da população brasileira, através de relatórios do Ministério da Saúde, vinham caindo drasticamente com a possibilidade de regresso de doenças já erradicadas anteriormente no Brasil, como efeito da divulgação de *fake news* sobre as vacinas nas redes sociais. Para as instituições legislativas, judiciárias e executivas, o termo e o fenômeno ganharam evidência a partir da Reforma Política 2017 (emenda 7/2017 do Projeto de Lei 8.612/2017) que tratava do processo eleitoral de 2018 para a eleição nas esferas federal e estadual. Para combater as *fake news*, o texto da lei previa a

suspensão de publicações, em no máximo 24h, de notícias que contivessem discurso de ódio, informações falsas ou ainda ofensas contra partidos ou candidatos na internet. “O evento em si contribuiu para a instalação da pauta *fake news* nas instituições governamentais” (VITORINO; RENAULT, 2018, p. 42).

Com o esforço de tentar compreender tal realidade, especialmente no Brasil, os autores se propõem fazer um levantamento do uso da expressão no país sem desconsiderar acontecimentos a nível mundial, em “A irrupção da *Fake News* no Brasil: uma Cartografia da Expressão”. A fim de contribuir com as discussões teóricas propostas por este artigo, é oportuno destacar alguns destes episódios que contribuíram consideravelmente com a manifestação do termo *fake news*. A nível mundial aconteceu, por exemplo, o episódio da coletiva de imprensa onde Donald Trump, presidente dos EUA, expulsou o jornalista Jim Acosta chamando-o de *fake news*, em 2017, o que provocou uma profusão no uso e na busca pelo termo. No Brasil, verifica-se uma explosão do termo, principalmente, nos períodos pré-eleitoral e eleitoral, entre 2017 e 2018. Aliás, para os autores o principal personagem que contribuiu para tal movimento no país foi Jair Bolsonaro, atual presidente do país, que se apoiou na incitação de notícias falsas na construção de toda a campanha eleitoral, como o “kit gay”, estratégia de ataque ao adversário Fernando Haddad.

Desse modo apresentou-se uma explanação da conceitualização do termo *fake news*, levando em conta alguns dos principais estudiosos como Burshtein (2017) e Alcott e Gentzkow (2017), sobretudo considerando os mais diversos vieses para tal expressão, bem como um horizonte do uso e das particularidades do fenômeno, dentro da realidade mundial e nacional, a partir das pesquisas propostas por Vitorino e Renault (2018) que cooperaram substancialmente com reflexões aprofundadas sobre repercussões das *fake news* na atualidade.

1.3 Considerações

Compreender o Jornalismo, na contemporaneidade, é levar em conta todas as principais transformações e mudanças sociais e políticas que acontecem rotineiramente na sociedade, considerando o avanço tecnológico e o surgimento/aprimoramento de ferramentas comunicacionais, como as redes sociais. Estas transformações inevitavelmente alteram o decurso dos processos comunicacionais que acabam por (re)configurar-se a fim de atender as necessidades dos sujeitos sociais. Na perspectiva

deste trabalho, consideraram-se as *Fake News* como uma latente prática influenciadora não apenas do processo de informar, mas também como um fenômeno que remodelou as mais diversas ambiências como a imprensa, as empresas, as ONGs, as universidades, as instituições públicas e privadas, as entidades jurídicas e demais poderes, com alcance mundial e com particularidades muito específicas de cada realidade/país.

A partir de pesquisas bibliográficas, elaborou-se um aporte teórico com uma construção linear da sociedade atual, imersa na contemporaneidade, caracterizada, em particular, pela ordem da pós-verdade e o enfraquecimento da razão. Tal ordenação foi fundamental para refletir, em seguida, sobre as *fake news* com seus mais variados conceitos, suas particularidades, causas e consequências.

Podem-se compreender as *fake news*, por fim, como desinentes do desenvolvimento das tecnologias e da expansão do acesso e uso dos dispositivos tecnológicos, principalmente tendo como cenário as redes sociais. Observa-se uma intensificação do termo nos discursos políticos-eleitorais, como já foi exemplificado ao longo deste trabalho, estando à mesma diretamente relacionada com o processo eleitoral, desde 2017, no Brasil e em todo mundo, quando candidatos nas eleições, hoje atuais presidentes, como Jair Bolsonaro e Donald Trump, utilizaram-se e incitaram as *fake news* durante todo o processo pré-eleitoral, eleitoral e também, inclusive, durante a gestão presidencial após eleitos.

A principal finalidade deste trabalho era permitir discussões teóricas acerca de tal fenômeno, entendido como uma práxis utilizada como estratégia comunicacional nos mais diversos campos sociais, intensificado pelo uso de recursos tecnológicos e redes sociais. Acredita-se que as *fake news* continuarão a alterar todos os sistemas sociais, sobretudo o Jornalismo e o processo de comunicar-se, sendo elementar prover reflexões e discussões com o objetivo de suscitar a análise aprofundada e a educação para entender conteúdos midiáticos, haja vista, que a sociedade atual está fundamentada na informação e nas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Tal perspectiva de educação tem sido nomeada por alguns autores, como Livingstone (2004), de literacia midiática, que seria a capacidade dos sujeitos de compreender as realidades do mundo midiático a fim de melhor lidar as mesmas, seja através do consumo ou na produção de informações e conteúdos.

A proposta foi alcançada tendo em vista que o artigo expôs considerações pertinentes sobre o assunto, assentado, acima de tudo nos principais elementos que

perpassaram todo o artigo, a saber, contemporaneidade, fenômenos comunicacionais, a era da pós-verdade, o enfraquecimento da razão, a explosão das *fake news* e seus principais conceitos, causas e consequências para as transformações sociais.

REFERÊNCIAS

FAKE NEWS' é eleita a palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. **BBC News**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>. Acesso em: 10 jun. 2018.

'INFORMAÇÃO incorreta' é eleito o termo do ano por dicionário online. **Revista Galileu**, 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/11/informacao-incorreta-e-eleito-o-termo-do-ano-por-dicionario-online.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LUCENDO, G. A longa história das notícias falsas. **ElPais Brasil**, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em: 10 jun. 2018.

NASCIMENTO, L. F. **A Sociologia Digital**: um desafio para o século XXI. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, n 41, jan/abr 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v18n41/1517-4522-soc-18-41-00216.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2018.

PIMENTA, A; BELDA, F. **Manual de Credibilidade Jornalística**. Projeto Credibilidade, Capítulo brasileiro, 2016. Disponível em: <https://www.manualdacredibilidade.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

RUBIM, A. **A contemporaneidade como idade mídia**. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 4, n. 7, p. 25-36, 2000.

VALENTE, J; DELMAZO, C. **Fake News nas redes sociais online**: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Revista Media & Jornalismo*. V. 18, n. 01, jan/2018.

VITORINO, M; RENAULT, D. A irrupção da Fake News no Brasil: uma Cartografia da Expressão. In: TOURAL, CORONEL e FERRARI (Org). **Big Data e Fake News na sociedade do (des)conhecimento**. Aveiro, Portugal: Ria Editorial, 2019, p. 39-62.